O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 36.º — Sábado, 29 de Maio de 1943 — N.º 1786

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

A obra interna da Revolução

Vivia-se numa anarquia total de valores: nem culto da Pátria e da sua História; nem confiança nas possibilidades de uma nação que os êrros dos homens, num século de liberalismo e demagogia, tinham arrastado para a voragem; nem reacção contra o morno fatalismo cujo quebranto parecia ter dominado para sempre o ânimo de um povo criador de povos e guia secular da História; nem a simples lembrança do heroísmo feito de sangue e de Fé—nada, do que tinha sido Portugal-Império, parecia existir já, naquêle ano da graça de 1926. E, contudo, a Raça era a mesma, o mesmo o sangue que lhe corria nas veias, as mesmas montanhas que ensinavam o culto da grandeza e o mar que incitava à aventura, os mesmos eram também. Mas uma literatura dissolvente, a oratória ôca, o compadrio imoral, a dissolução social, a degeneração da hierarquia, o esquecimento de que a função de governar vincula quem a exerce ao Bem Comum e aos imperativos nacionais—tudo—e todos se deixando arrastar ao sabor das paixões e dos impulsos—ia resvalando assim uma Pátria heróica no abismo da sua própria morte. A espada forte do pastor dos Hermínios como a nau gloriosa do Gama eram apenas motivos de evocação comicieira. Sob tudo isto—um povo de agricultores, laboriosos e ludibriado pelos políticos, ia sofrendo em silêncio, pacientemente, à espera de um milagre que o tirasse do atoleiro, secasse o pântano e nas suas terras lodosas lançasse a seara—para que houvesse felicidade, alegria de viver, confiança e coragem para prosseguir a lição que uma História de oito séculos ensinava—e impunha. E quando a terra úbere do Minho e a charneca alentejana se desentranhavam no milho e no trigo—a 28 de Maio de 1926—os homens acordaram também para a criação duma nova era. Desde o Norte, num frémito de reacção que percorreu todo o país, veio, finalmente, a vivificação das qualidades latentes da Raça, e veio a Vitória e o triunfo da Revolução. O Exército tomava a iniciativa; o povo seguira-o com entusiásmo; e da certeza de que era possível remar contra a maré, e vencê-la, nasceu a confiança no Futuro. Mas era preciso orientar os espíritos, dar corpo de doutrina aos simples anseios nacionais. Salazar, conhecendo e amando o povo, foi então chamado ao Poder. E porque nunca se embriagou com êle, nem esqueceu a missão em que foi investido, de *salvação nacional*, pôde fazer, no plano interno, de uma nação a quem o estranjeiro pródigo e ambicioso oferecia o oiro da sua cubiça, uma realidade autónoma e soberana, desenfondada de interêsses estranhos, renovada material e espiritualmente para os eternos caminhos da sua vida.

Há 17 anos que a tarefa prossegue, que a admiração aumenta, que a nação e a sua mocidade aprendem a continuá-la. O rumo é certo agora. Pode ser ainda penosa a ascencão, mas o sacrifício engrandece-a. Caminhemos para ela sem desvios, com o coração alegre e a alma caldeada para a vitória. O 28 de Maio foi o resgate. Salazar o seu símbolo. A Mocidade é seu fiador. *E' preciso*—como disse Salazar—*ir até ao fim; exigem-no a memória dos iniciadores do 28 de Maio, os destinos da nossa Pátria e a honra do Exército.*

S. P.

O TEMPO

Não há maneira de sermos beneficiados pela chuva, que tanta falta está fazendo. Todavia, na Espanha tem caído em abundância.

Má distribuição...

E' demais!

A limpêsa da cidade, julgamos nós, deve merecer a permanente atenção da Câmara. Portanto a ela nos dirigimos, convidando o vereador do pelouro a passar pela Rua do Sol e a vêr o que por lá vai...

Santos populares

Dizem-nos que os bombeiros pensam promover festivais no Jardim, em honra do S. João e do S. Pedro, mas que os entraves e as dificuldades a vencer são cada vez maiores.

ARTIGO

O fundo do último número saíu truncado. Por engano, indicámos o tipo em que havia de ser composto no segundo linguado; e o tipógrafo, a-pezar-da marcação ser bem legível—não deu por tal!

E' que, às vezes, se não trabalham com os olhos fechados, parece...

Estação urbana

Pela Administração Geral dos Correios foram mandados activar os trabalhos na casa da Avenida Dr. Lourenço Peixinho onde vão ser instalados os seus serviços.

Regosijamo-nos com o facto.

Excursões

Estiveram cá os alunos do 6.º e 7.º anos do Liceu Sá de Miranda, de Viana do Castelo, que se faziam acompanhar de alguns professores.

Em sua honra realizou-se no Club dos Galitos um baile animado, sendo a amisade entre as duas cidades invocada por quantos a ele assistiram.

Os multi-milionários de Aveiro

Pela pena do sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, arcebispo-bispo de Aveiro, publicou o *Correio do Vouga*, órgão católico da diocese, um artigo sôbre a aprovação governamental do projecto de construção do Seminário, em que deparamos com a seguinte passagem:

Entrego-lhe hoje esta grande incumbência, reverendíssimo senhor Vigário Geral: a campanha metódica, compacta, frente única, do Seminário, dando-lhe ao mesmo tempo, como normas gerais, como traços de esboço, as ligeiras instruções que se seguem:

I. E' possível, é mesmo provável, que, no desempenho da sua árdua missão, V. Rev.cia possa topar com alguma voz de desânimo, até mesmo de derrotismo. Não ouvi eu uma vez a um dos nossos milionários, que nunca diminuiu os seus cofres de um ceitil para o Seminário, que uma obra destas, num meio tão mísero, era quási que um absurdo? Diante destas interjeições egoistas, mesquinhas, abortos de sordidez, de avareza, V. Rev.cia não as tentará converter porque para a conversão dêste vício seriam precisas, pelo menos, duas dúzias de Pentecostes; limitar-se há sòmente a dizer:—Arrede, se faz favor!

E com estas delicadas palavras finais—fica dito tudo...

Atenção para a 4.ª página

Um protesto veemente

O aparecimento de determinada publicação onde se fazem referências a coisas do distrito de Aveiro, deu origem a que o sr. dr. Victor Gomes, ali de Ílhavo, publicasse no jornal da terra, *O Ilhavense*, um enérgico protesto, que muito o dignifica como filho e respeitador da verdade.

Com efeito, pretender-se encobrir maldosamente — **ingratamente** —o nome de Diniz Gomes, que, como presidente do município, tanto trabalhou pelo engrandecimento da sua terra durante um quarto de século, é revoltante — brada aos céus!

O protesto do dr. Victor Gomes veio na altura, veio a tempo. E' uma desafronta que o dignifica, que o eleva, que lhe dá direito aos aplausos de quantos, como nós, defendem desassombradamente a Verdade e detestam a mentira.

Diniz Gomes, em Ílhavo, como o dr. Lourenço Peixinho, em Aveiro, são os dois presidentes de Câmara que mais anos se conservaram nesses postos e mais serviços prestaram aos respectivos concelhos. Visinhos, caminharam a par um do outro; se é certo que ambos legaram ao país um grande exemplo de civismo, havemos de concordar que não há o direito de se pretender diminuí-los ou ofuscar os seus nomes quando afastados e depois de terem vincado em obras inapagáveis o seu patriotismo, a sua actividade, o seu acendrado espírito de bairristas acima de tudo.

O Democrata, que esteve ao lado de Diniz Gomes na política de realizações que tanto enobrece os que se distinguem da mediocridade, acompanha o dr. Victor Gomes nas suas considerações, e louva-o pela sua atitude.

A rega das ruas

Não há maneira: as ruas continuam envoltas em densas núvens de poeira, pois o carro das regas é raro sair e quando aparece à cena é só para as borrifar.

Numa terra como a nossa, ventosa e com a pavimentação à antiga portuguesa, era para se intensificar êste serviço, mesmo como medida profilática.

Cartas a uma amiga de longe

Maio, 1943

Minha querida:

Está cada vez mais em voga o hábito de ir tomar chá a uma confeitaria, onde freqüentemente se encontram pessoas das relações. E assim, evitam-se, muitas vezes, as visitas em casa. Há quem condene àsperamente tal modernismo e lamente que, com êle, se vá perdendo, a passos agigantados, a arte de receber—essa tradicional e secular hospitalidade portuguesa, que ficou célebre, como célebres ficaram, também, os *menús*, excelentes e requintados que os donos da casa, duma cordealidade e franqueza verdadeiramente cativantes, serviam aos seus hóspedes.

Eu não quero discutir se é bem ou não que se tome fora o chá das cinco, ou se é de lamentar que se perca o hábito de bem receber, que os nossos avós, de geração em geração, foram legando. Longe de mim tal idéa, mesmo.. Mas diz-me lá, minha querida, se agora, nesta altura, é possível dar um chá de *menú* excelente e variado como os de outros tempos? Com muito trabalho e fôrça de vontade e dinheiro, talvez se conseguisse alguma coisa; mas quanta *ralação*, quanto aborrecimento, quanta fadiga só para conseguir os *ingredientes* para êsses bolinhos apetitosos que, depois de tanto trabalho, já nem sabem tão bem!... Então não é muito mais cómodo ir a uma casa de chá comer o que, na altura, apetecer e só ter a maçada de pagar no fim? Depois, não ter a preocupação de que tudo corra bem para que a visita, que nem sempre é pessoa benevolente, não leve má impressão do nosso mérito de dona de casa, quanto vale?

Vive-se em crise; de modo que êste hábito que se enraíza cada vez mais, de ir fora de casa matar o jejum das cinco da tarde, não é outra prova de modernismo mal compreendido, mas uma necessidade e uma das conseqüências dessa crise. Não te engano se te disser que nas grandes cidades, onde se faz uma vida muito artificial, há muita gente que resume as suas refeições a um pastelito e uma chávena de chá que, com muito *aplomb*, se toma numa das casas *chics* da baixa...

A hospitalidade portuguesa, velhinha e tradicional, não se vai diluindo na poeira dos anos, como se grita para aí. Mas como pode ela mostrar-se agora, como então? Como se pode receber fidalgamente, quando há *bichas* infindáveis para géneros de primeira necessidade? E se alguma sobra há, não se pode dar à visita, mas sim guardá-la bem guardadinha, porque àmanhã pode ser precisa, ou dá-la a um pobre, que bem necessita dela...

Hospitalidade?

Bom desejo; mas vã palavra, na crise que se atravessa.

Um abraço da

Zèmi

Dr. Ernesto Carrão

A Morte, sempre traiçoeira e aniquiladora, fez a semana passada das suas — roubou-nos mais um amigo, daqueles amigos que, vindo dos verdes anos da juventude, se trazem no coração e nunca esquecem, embora afastados do convívio cotidiano.

Ernesto Carrão, natural de Salreu, mas médico e delegado de saúde na Murtosa aonde constituira família e vivia, há muitos anos, num rico palacete, era dêsses. Pertencia ao número dos nossos melhores amigos. Por isso, quando nos transmitiram a notícia da sua morte repentina, ocorrida no sábado passado, de tarde, estremecemos. Não de pavor, mas de tristeza. E perante a crueldade do Destino, sem complacência para com os bons, nem, sequer, uma palavra balbuciámos—apenas encolhemos os ombros.

Com o desaparecimento do dr. Ernesto Carrão sente-se o concelho da Murtosa desfalcado nos seus valores e tem motivo para isso. Homem de muita actividade, médico que honrava a classe, e a dignificava, e a enchia de prestígio, o dr. Carrão, como era conhecido em tôda a parte, deixou um vácuo enorme, profundo, nas freguesias onde exercia clínica, além duma grande saudade entre a população, que, em massa, acompanhou o cadáver ao cemitério, prestando-lhe a mais eloquente homenagem que ali se tem efectuado.

A política nacionalista perdeu nele, também, um partidário dos mais sinceros, e os pobres, esses, um protector sem igual. Enfim: tendo marcado logar de destaque no concelho onde se distinguia pela sua bondade, pelo seu carácter, pelo seu espírito expansivo, pela nobreza dos seus sentimentos, pela afabilidade de trato e ainda pela enorme soma de serviços prestados em prol do comum e com a maior isenção, o dr. Ernesto Carrão baixou à sepultura no meio da mágua de todos, pela falta que faz.

No momento doloroso para a sua viuva, a sr.ª D. Laura de Araújo e Castro Carrão; para seus filhos, a sr.ª D. Laura Tavares, D. Maria Cândida, casada com o sr. dr. José Gomes Bento, professor do Liceu de José Estêvão, e engenheiro Francisco António de Castro Carrão, queremos deixar nestas colunas, de que era leitor assíduo, e acompanhando os que mais intimamente choram o prestimoso clínico, as nossas condolências, já que não pudemos comparecer à despedida do companheiro do Liceu onde nos encontrámos para nunca mais nos perdermos de vista.

Só agora...

Como o tempo passa!

Decorreu já um ano que assumiu as funções de presidente do município de Aveiro—foi a 14 de Maio de 1942—o sr. dr. Francisco António Soares.

De harmonia com a promessa aqui feita após o acto de posse, *O Democrata* aguarda a execução do seu programa de realizações, indispensável para a devida justiça.

Ponte de Angeja

Parece que ainda não é àmanhã inaugurada, como se propalou e chegámos a noticiar. Todavia, deve estar para breve a sua abertura ao trânsito.

No Rossio

Tendo sido arrematado pelo sr. Carlos Mendes, do *Jardim das Modas*, o Pavilhão Municipal do Largo do Rossio, dizem-nos que durante uma temporada vamos ali ter cinema e outros atractivos.

Belo!

AINDA AS RÉCITAS DOS MIUDOS DAS ESCOLAS

Uma merenda de confraternização

Com os donativos que várias pessoas, por intermédio do professor do nosso Liceu, dr. Assis Maia, autor da peça—*Como se aprende a ser português*—representada nas noites de 8 e 15 do corrente, no teatro desta cidade, tiveram a gentileza de oferecer aos interpretes, puderam as senhoras professoras da Escola Feminina da Glória, distribuir, no recreio da mesma, pela centena de pequenos actores e actrizes, abundante *lunch* (frutas e dôces) que decorreu num ambiente de entusiásmo e de franca alegria. Era justo.

Além do citado professor, assistiu, também, o sr. director escolar A. de Menezes Mendes, a quem a petizada ovacionou, e bem assim o distinto fotografo Henrique Ramos, que fez alguns clichés, tendo sido lembrado o autor da canção—*Jardim de Portugal*—o vianense amigo, sr. Hipólito Moura, que, como noticiámos, veio expressamente assistir à *première* e recitou duas poesias da sua autoria, arrancando fartos aplausos. Foi-lhe, por isso, enviado um telegrama, a dizer:

Professoras e alunos, reunidos em confraternização, recordando cativante e distinta colaboração do meu bom amigo na récita do dia 8, enviam amistosas saudações.

(a) Assis Maia

Terminou dêste modo a obra meritória levada a cabo com tanto êxito e que quando outro mérito não tivesse bastaria o de ser continuada uma tradição local das mais honrosas da nossa vida—o teatro. Basta lembrar os *20.000 dolars*, o *Moleiro de Alcaid*, *A Caldeirada*, o *Cantar do Galo*, o *Môlho de Escabeche*, etc., isto para não irmos mais longe.

UMA DAS CÊNAS DO MINHO

Admirou-se muita gente dos petizes pizarem o palco tão à vontade, com tanta graça e naturalidade! Pudera! Se filho de peixe sabe nadar ..

Não é vulgar, bem sabemos; portanto sensibilizou, e as Caixas Escolares lucraram porque o trabalho dos miudos rendeu, para ambas, a quantia liquida de 3 623$40.

Só resta, agora, agradecer aos que para tal resultado contribuiram.

OS «PASSEIOS» DO CAIS

Foram construidos junto às *cortinas* do cais, mas a obra ficou incompleta visto ainda se não ter procedido ao seu empedramento.

Para quando ficará?

Estabelecimento chic

—o—

Consta que vai abrir dentro em breve, ao princípio da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, uma pastelaria com todos os requisitos modernos e esmerado serviço de chá.

Continua o progresso.

Falta de pontualidade

Durante as sessões de cinema no Teatro, continua a não se respeitar as horas, dando em resultado muitos freqüentadores entrarem na sala quando os filmes estão a exibir-se, incomodando, por isso, os que primaram em ser pontuais.

Já aqui nos referimos aos protestos a que êstes abusos deram origem, mas nem por isso a Direcção do Teatro se apressou a fazer cumprir o que está regulamentado pela Inspecção Geral dos Espectáculos.

Porque esperará?...

IMPRENSA

Diário de Coimbra

Passou mais um aniversário do matutino, que vê a luz da publicidade na terra das arrufadas, tendo por missão a propaganda e defesa das Beiras, como órgão regionalista. Dirigido pelo sr. dr. Vergílio Correia, não se diga que alguma vez esmureceu no cumprimento dessa missão, abraçada com entusiasmo desde a primeira hora.

Felicitamos o *Diário de Coimbra*, desejando-lhe o máximo de prosperidades.

Revista da Imprensa Portuguesa

Acaba de aparecer o 1.º número, há tempo anunciado, na qual se relata, por meio de transcrições e resumos, o que de mais importante ocorre e interessa ao país.

E' editada pelo *Recorte*, útil organismo com sede em Lisboa.

UM VATE

Há tipos que são dum atrevimento inaudito. E aventureiros, audaciosos, isso nem se fala. Está neste caso um *poeta de água dôce*, como chama o nosso colega *Correio da Feira* a um tal Fernando Soares, de Amarante, que, intitulando-se director de qualquer coisa da sua invenção para se dar ares de jornalista, publicou também e distrribuiu pela imprensa da província uns versinhos tão chalados, que faziamos tenção de não gastar tempo nem tinta com eles se o *Correio da Feira* tivesse deixado o vate em paz. Mas, não. *O Correio da Feira* vai-se aos «cinco desabafos do peito, a que o autor chama poesias» e polvoriza-os, dizendo, no fim, ao poetastro: «se é novo, estude para dar mais brilho aos seus carmes para que mereçam algum conceito artístico. Se é velho... Já não dá mais nada.»

O *Correio* ainda se ocupou. Então não viu logo que o vate é dos de meia tigela e quem não tem não pode dar?...

Pelo Liceu

O sr. dr. Francesco Sessa, distinto professor do curso livre da língua italiana, instituida no nosso primeiro estabelecimento de ensino, realizou ali, no último sábado, uma erudita palestra acêrca de *Ecos dos poetas italianos em Camões lírico*, à qual assistiram os alunos do 5.º, 6.º e 7.º anos e também os de 6.º e 7.º anos do Seminário.

Teve lugar na sala da Biblioteca.

Janelas floridas

Do *Século*, de domingo, transcrevemos:

Lisboa, em manhã de Sol, vista das bandas do Tejo, é uma cantiga popular, uma cantiga ladina que inunda o ar transparente e adeja sôbre o casario multicolor, subindo o trono das colinas. Mas o lisboeta é bisonho, sorumbatico, desconfiado, sem sentido estético, resistente por casmurrice a inovações, desprovido da noção de beleza. Há dentro dêle um provinciano de aldeia perdida, indolente a modificar hábitos velhos.

Um dia, o Município ornamentou os candieiros de algumas ruas com açafates de verdura e de flôres. O lisboeta quási não deu por essa prova de bom gôsto, simples, que cai logo, agradàvelmente, na retina do estrangeiro. Agora, propõe-se convidar os moradores dos terceiros andares do Rossio a ornamentarem, com carácter permanente, e a partir de 10 de Junho, as suas janelas. Oferece-se-lhes para pagar metade da despesa calculada—180$00—e para fornecer sardinheiras, malvas, geranios, etc. E assim procederá também para os bairros pobres, tão fartos de preocupações e tão falhos de alegria.

Lisboa, cidade sem jardins, ou melhor, sem parques, pode ser uma cidade florida, em cada janela a canção duma rosa, dum cravo, a graça fresca dum mangerico, a grinalda duma trepadeira a rebentar em botões coloridos. Lisboa vai sorrir...

E porque não há-de sorrir, também, Aveiro? E porque não há-de a nossa terra alindar-se, engrinaldar-se, alegrar-se para maior realce da sua formosura?

Em algumas ruas já se vêem varandas caprichosamente floridas, demonstrando, com isso, os moradores o desejo de concorrerem para o embelezamento da cidade. Pena é que o bom gôsto não alastre com rapidez, propagando-se a todos os prédios. Mas devagar se vai ao longe. Nós temos esperança e não desanimamos. As flores tendem a espalhar-se e a dar às ruas, às praças e aos largos citadinos aquilo que merecem — mais encanto, mais graça, mais vida.

Crónica alfacinha

O NAMORO

Longe de ser um estudo conscencioso de duas pessoas que se estimam e procuram construir um lar com bases sólidas para um futuro próspero, o namoro dos nossos dias é um passatempo imoral onde cada um procura, apenas, excitar o desejo de posse no outro, encobrindo o melhor possível os seus defeitos e iludindo-se mutuamente com um cinismo revoltante.

Por vezes, talvez por motivos natos da própria raça agarram-se a um romantismo doentio e pessimista, não pensam, não se preocupam com a vida real e positiva, e daí, vá de fazerem juras falsas, promessas irrealizáveis, que os seus espíritos obsecados julgam ser directrizes recomendáveis a um futuro feliz. O conhecimento franco dos sentimentos de cada um, para quê?

Ela é bonita, tem uma boquinha tentadora, um corpo escultural, dança bem —que mais pode êle desejar? Cultura, altruismo, honra, amôr, gôsto pelo trabalho, não é necessário! Ele é elegante, simpático, sabe beijar, sabe dizer duas frases que estudou num romance barato? Não é preciso mais nada paracomeçar o namoro. Outras vezes nem isto é necessário; basta ter um bom emprêgo ou fama de riquezas, freqüentar lugares de destaque e vestir com certo luxo para chegarem a um acôrdo.

Antigamente o cavalheiro pedia autorização à família da menina para lhe falar e era em casa dela que se namoravam familiarmente depois de tiradas as devidas informações; acompanhava-a a qualquer lado juntamente com a mãe, a tia, a ama etc., e respeitava-a.

Hoje foi abolida da moda pedir-se licença à família, as meninas namoram às escondidas, sabem-no o visinho e as amigas, o pai e a mãe são os últimos a sabe-lo. Namora-se nos bailaricos, dão passeios a sós, iludindo a família, e quando esta chega a saber é geralmente tarde e sem cura. Quem passar depois da meia noite por alguns bairros lisboetas encontrará metidos nas escadas, sem luz nem testemunhas, um rapaz e uma rapariga, namorando-se. Fora de Lisboa deverá acontecer o mesmo. Depois vem o casamento e tôda a espécie de fatalidades... Onde está a protecção às raparigas? Que fazem os pais, educando-as assim senão umas desgraçadas? Depois há lares sem pão, nascem filhos doentes, abandonam-se pais velhinhos, etc. Isto nas classes pobres, porque nas ricas o casamento é um contrato comercial, uma conveniência que infalivelmente conduz ao enfastiamento mutuo, ao adultério e ao divórcio. Não são os homens que tem a culpa; são as famílias que se não sabem dar ao respeito. Se a filha lhes aparece com uma criança nos braços gritam e escorraçam-nas de casa, quando são êles que, com o seu descuido, contribuiram para isso.

Não me cumpre a mim, que sou bastante nova, tratar assuntos desta categoria; mas as senhoras mães de família devem evitar esta avalanche de infelicidades que vão nas gerações presentes.

Confrange o coração ver tanta falta de cuidado, de respeito nas raparigas de hoje. O século XX pode ser de liberdade sem ser de imoralidade. A's mães cumpre velar o comportamento das filhas.

Lisboa, 24-5-943

de Palermo

Passeio fluvial

É àmanhã que se realiza o promovido pelo Club Mário Duarte através o nosso vastíssimo estuário o qual será feito em barcos engalanados, cuja partida se acha marcada para as 10 horas, mais minuto, menos minuto, visto nestas coisas haver sempre retardatários.

A flotilha dirigir-se-á ao rio Vouga, estando os organizadores empenhados em proporcionar aos excursionistas um dia de recreio que lhes fique de lembrança.

Toma parte um *jazz* e haverá um serviço de *bar*.

Banco de Portugal

Voltou esta semana a falar-se na construção do novo edifício destinado à agência desta cidade, em virtude de ter vindo a Aveiro tratar da aquisição do terreno o sr. Luís Alberto Campos e Sá, inspector-chefe das delegações do país, que se fazia acompanhar do sr. eng. José Cabral Caldeira do Amaral.

Das *démarches* efectuadas junto das entidades oficiais nada ainda ficou assente, o que é para lamentar.

"Ponte dos Carcavelos„

Tendo derruido o ano passado, durante a festa da Senhora das Febres, em Setembro, a ponte de madeira que existia no Canal de S. Roque, anda agora a ser reconstruida pela Junta Autónoma da Ria e Barra, devendo ficar com outra solídez e com linhas diferentes da antiga.

A gente do bairro piscatório, que vive da ria e que exerce a sua actividade nas marinhas, exulta com justificada razão.

Comércio local

Mudou um pouco mais para o centro da Avenida Dr. Lourenço Peixinho o estabelecimento de fazendas do sr. Joaquim de Oliveira Sérgio, Filhos, com crédito firmado nesta praça. Ficou, assim, melhor instalado, melhorando aquela artéria também com a mudança.

Muitas prosperidades.

Bem-fazer

O Comissariado do Desemprêgo no nosso distrito distribuiu, a semana passada, peças de vestuário e calçado a filhos de desempregados e inválidos necessitados.

Acudir à miséria, aos desprotegidos da sorte, é sempre louvável, dignificando quem assim procede.

Geografia de Portugal

Distribuiu-se esta semana o 14.º fascículo, penúltimo da obra do sr. doutor Amorim Girão, de que se encarregou a Portucalense Editora, com séde na Praça da Liberdade, n.º 24.

Está, portanto, a bem dizer no fim o valioso trabalho do douto professor da Universidade de Coimbra, que é uma das maiores competências no assunto desenvolvido.

A moda, a moda...

Um cronista de Lisboa, lastimando o que se está passando, entre nós, com as cópias do estrangeiro, faz, a êsse respeito, várias considerações e, prosseguindo, escreve:

O que eu lastimo não é que nós não copiemos o que se passa lá fora. O que eu lastimo é que se copie precisamente o que lá fora é ridículo e tôlo.

Um exemplosinho só, para desabafar. A mulher portuguesa era aqui há vinte, há trinta, há quarenta anos, a mulher que melhor e mais elegantemente se calçava no mundo civilizado. Uns pés calçados de mulher portuguesa, eram um encanto de graça, de elegância, de bom gôsto. Agora, para imitarem o que lá fora é uma dolorosa conseqüência da guerra, que é que faz a mulher portuguesa? Anda aí com uns tamancos horríveis, a mostrar o calcanhar todo torcido, mal podendo aguentar-se naquela geringonça. Ora é contra esta horripilante macaqueação, ridícula e estupida, que eu protesto.

* * *

E a moda das pernas nuas? Que nos países em guerra, onde falta quási tudo e principalmente objectos de luxo, as mulheres, à falta de meios, as não trouxessem, vá. Era feio, mas compreendia-se. Agora, em Portugal?! E depois, que lástima! Algumas vêm para a rua com as pernas sem meias e nem ao menos se lembram de que só tomam banho ao domingo...

Nos dias de semana... pintam a cara, e chega.

Não. Isto não é elegância, não é economia, não é necessidade. E' a mais tôla e a mais ignóbil escravização ao lá-de-fora que se podia imaginar.

* * *

E os chapelinhos?! Os desta estação são formidáveis! Vejo-os aqui por Lisboa e pasmo. Não pasmo dos chapeus, que êles não podem ter êste nome. Pasmo das cabeças que os usam, que essas, pelo visto, têm só cabelos e mais nada. Tomei já nota de cinco modêlos especiais.

Primeiro modêlo:

Caravela desmantelada, posta na cabeça a 3/4, com dois mastros partidos e as bandeiras a meia adriça.

Segundo modêlo:

Carroças do lixo em miniatura, com amostras de trapos velhos, presos por um gancho.

Terceiro modêlo:

O chapelinho do Charlot, devidamente amachucado, pôsto à cabeça, mesmo no cocúruto.

Quarto modêlo:

Um lenço do pescoço amarrado à egipcia, com as pontas atadas, à maneira de esponja, no alto da testa.

Quinto modêlo:

Uma coisa que se não sabe o que é, a fazer equilíbrios no alto do toutiço, e preso à nuca por fitas, e por baixo um saco de rêde com os cabelos lá dentro.

Eis o requinte da moda!

Mas se fosse só isso!... E o resto?

UM AVARENTO

Morreu recentemente um dos tais que quanto mais têm, mais querem.

Foi-se do mundo sem gozar a vida, deixando milhares de contos adquiridos à custa de muita miséria e de privações sem conta.

Era agiota. Não o comovia a desgraça, a infelicidade alheia. Não tinha coração. Só quando viu aproximar-se o fim se lembrou dos pobres—porque *não o podia levar consigo...*

E' a única consolação que resta aos que ficam.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: àmanhã, a galante Maria Helena Ferreira Henriques, filha do sr. Joaquim Henriques, hábil clinico local; no dia 31, a sr.ª D. Marília da Conceição Maia e Sousa, esposa do sr. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito em Penafiel; em 2 de Junho, a sr.ª D. Maria Tereza Serrão Peixinho, viuva do saudoso dr. Lourenço Simões Peixinho, e a menina Maria Emília Mendes, dilecta filha do sr. Mário Mendes, escriturário da Câmara de Mira, e em 3, os srs. dr. António Cristo, advogado na comarca, e Firmino Alves Videira, comerciante local, e a interessante Maria Emília Driz Ramos, filha do sr. Aníbal Ramos, proprietário da Confeitaria Avenida.

Casamentos

Na igreja da Sé efectuou-se, domingo, o enlace da nossa conterrânea, a gentil e insinuante Guilhermina da Alegria Vidal, empregada nos correios em Espinho e filha do 2.º sargento de Infantaria, Vidal dos Santos, já falecido, com o sr. José Ferreira Ramos, filho do sr. João Ramos, da Fotografia Moderna, desta cidade.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, sua prima a sr.ª D. Albertina da Maia Pádua e marido o sr. Joaquim Marques da Silva Rôlo; e pelo noivo o sr. dr. Julio Calisto e esposa, de Ilhavo, tendo assistido à cerimónia e ao copo de água, que se seguiu, diversos convidados que vaticinaram aos nubentes as maiores venturas.

Os recem-casados, que receberam numerosas prendas, partiram, no mesmo dia de tarde, para Coimbra, onde passaram a lua de mel.

Desejamos-lhes igualmente um futuro risonho.

—Também no último sábado se consorciou com a tricaninha Maria Augusta Amaral, que se distinguiu no Grupo Cénico do Club dos Galitos, o sr. Domingos Moreira da Costa, residente nesta cidade, onde se dedica ao comércio.

Testemunharam o acto, por parte da noiva, seu pai, sr. Augusto Vicente Ferreira e a sr.ª D. Casimira Augusta de Figueiredo, mãe do noivo, e por êste, seu irmão, o sr. António Moreira da Costa e esposa, de Espinho.

Que a felicidade os bafeje.

Doentes

Esteve de cama, com um ataque de gripe, o sr. major Melo Cabral que já se encontra em via de restabelecimento, o que estimamos.

—Encontra-se em convalescença o sr. Américo Carvalho da Silva, que, como dissemos, foi operado da apendicite.

Á MARGEM DA GUERRA

BOMBARDEIROS AMERICANOS EM PLENO VÔO

Crata de Lisboa

Revolução Nacional

Foi solenemente comemorado em todo o país, com o entusiasmo e a significação requeridas, a data histórica da Revolução Nacional.

E, por tôda a parte, o povo português aproveitou o admirável pretexto que lhe oferecia a passagem da data do 28 de Maio. Lisboa, a capital do Império, soube, a-propósito, de maneira bem expressivamente eloquente, afirmar, mais uma vez, a sua adesão aos princípios do Estado Novo, comemorando com o maior brilho o aniversário da arrancada gloriosa de Gomes da Costa e dos seus tenentes.

Portugal, de norte a sul, pode dizer-se, sem exagêro nem temor de faltar à verdade, poude patriòticamente acentuar que não esquece, antes présa ao máximo, a data redentora que o pôs no caminho do melhor e mais admirável progresso.

O 28 de Maio é bem a primeira linha dum novo e glorioso capítulo da História de Portugal. E porque assim o entende, o país não perde ocasião de celebrar a data salvadora.

Ministro das Obras Públicas

Passou há dias o 5.º aniversário da porse, pela 2.ª vez, do sr. engenheiro Duarte Pacheco da pasta das Obras Públicas.

A obra realizada pelo ilustre membro do Govêrno tem sido, como já fôra da primeira vez que dirigira aquele importante departamento do Estado, das mais notáveis e dignas de aplauso unânime do país. Colaborador íntimo de Salazar, o engenheiro Duarte Pacheco tem já na história da Revolução Nacional um lugar do mais marcante relêvo, graças à obra que, em prol do país, tem sabido e podido realizar e pela qual se tornou crédor da gratidão de todos os portugueses a quem o progresso e o alindamento da sua terra não pode ser indiferente.

CORDEIRO GOMES

No «Café Nauta»

Tem-se exibido ùltimamente nesta casa da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, deliciando os seus freqüentadores, a *Orquestra Grétys*, composta de elementos de certo valor no meio musical.

O *Café Nauta* vai, assim, criando uma atmosfera de simpatia, que oxalá mantenha, visto as suas instalações honrarem a cidade.

Apêlo

Três rapazes civilizados (modestia àparte) de fora de Aveiro, desejando ir ao próximo passeio fluvial do *Club Mário Duarte* (ambição legítima), e não tendo família, sócios do club, gostosamente aceitam asilo a bordo, nêsse dia. Levam *cap*.

Resposta, por escrito, a êste jornal.

Inquilinato

—o—

Fazemos nossas as palavras a seguir transcritas do nosso estimado colega *Diário Popular*, de Lisboa, que tem versado largamente o *problema da habitação*, focando as torturas da população menos endinheirada ou de poucos recursos, mercê da inqualificável ganância de senhorios sem coração, que cometem abusos, constituindo verdadeiras extorsões.

Nunca aos mãos lhe dôam, ilustre e prezado colega.

Mas a sua obra poderia ser deveras meritória, abrangendo igualmente os comerciantes, também merecedores de protecção e de toda a consideração, e, o que é mais, precisados dela.

Agora, numa rápida visita que fizemos a Lisboa, tivemos conhecimento de um caso que parece fantástico. Negociante já de avançada idade, com grandes serviços prestados à Pátria e à República, e, por isso mesmo, digno de tôda a protecção, desejando poder descansar um pouco no fim da vida, pensou no trespasse da loja que ocupa há 25 anos e onde durante todo êsse tempo o senhorio não gastou um centavo em reparações, afirmando, quando pedidas, que *não mandava pregar um prego*. Apareceu um pretendente com quem chegou a acôrdo. Pediu-se a autorização precisa ao senhorio, que demorou um mês a responder, e que, por fim, dava a autorização, mas elevava a renda de 560$00 a 1.500$00 mensais!!!

Isto não brada aos ceus?

A' primeira vista poderá parecer que não. Mas sabendo-se que a renda não deve exceder a 180$00, calculada pela Matriz de 1914, conforme a certidão da Repartição de Finanças, chega-se à conclusão de que o abuso é evidente.

A renda de 560$00 foi tixada em conciliação realizada no Tribunal do Comércio, declarando o primitivo senhorio, perante juiz, advogado e escrivão, que autorizaria o trespasse para *qualquer ramo porque o que queria era receber as rendas*.

E' certo que o senhorio endoideceu com a alegria da vitória obtida, e foi morrer no Manicómio do Telhal. Mas quem lhe sucedeu excede-o, e muito, na exigência agora feita: — cem vezes a renda base!!!

Não merecerá êste senhorio *modelar* um prémio do Govêrno, que tantos esforços está fazendo para acudir aos desgraçados, facultando-lhes casas económicas?

Um desgraçado faminto, que roube um pão, ou o gatuno que furte uma carteira com alguns escudos, são prêsos.

E pode um senhorio prejudicar impunemente em dezenas e dezenas de contos?

Não pode ser.

Não ha-de ser.

As nossas colunas ficam ao dispôr de todos os lesados que nos queiram fornecer elementos para uma representação, pedindo providências aos Altos Poderes do Estado contra todos os abusos cometidos por senhorios sem consciência.

Ultima hora

Quási a terminar a paginação do jornal, chega-nos a notícia da morte, em Abrantes, do sr. tenente Pereira dos Santos, que foi chefe da Banda de Infantaria 10 até à sua extinção.

Sentindo profundamente o desenlace, no próximo número dedicaremos algumas linhas mais ao excelente amigo, que tantas simpatias conquistou em Aveiro.

No entretanto receba a família enlutada as nossas sentidas condolências.

Velada de Armas

Em todo o país onde houver castelos e lugares em que se tenham vivido as horas solenes das batalhas que permitiram confirmar as nossas fronteiras, serão hoje ocupados pela Mocidade Portuguesa, às 22 horas, afim de aí estabelecerem acampamento durante a noite.

Nesta cidade a Velada de Armas será feita no Rossio. Lá acampará a M. P. às 22 horas, seguindo-se o acender da chama pelo mais jovem dos filiados às 23,30. Depois observar-se-há êste programa:

1.º—Marcha da M. P.
2.º—Recitativo patriótico.
3.º—Canções patrióticas.
4.º—Palestra histórica.
5.º—Ás 0 horas: toque de sentido; içar das bandeiras nacional e da M. P. ao som dos clarins. Neste momento, um dirigente, gritará—*Por Portugal!* — grito a que todos os filiados responderão—*Por Portugal!*

A seguir será cantado o *Hino Nacional*, depois do que os filiados ocuparão as suas barracas, tocando a silêncio à 1 hora.

A chama ficará a arder tôda a noite até ao toque da alvorada, às 7 horas de amanhã.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Produzir e poupar é dever e necessidade imperiosa.

Se não queremos ter fome temos que produzir intensamente e consumir com parcimónia.

Ninguem tem o direito de se eximir aos sacrifícios que a salvação de todos impõe.

Todos os portugueses, seja qual fôr a sua posição, podem contribuir para minorar as dificuldades da hora presente. **Um só lema** deve ser seguido no campo, na cidade e em cada lar: **produzir e poupar.**

Secção Desportiva

Foot-ball

Beira-Mar 2 — Vista Alegre 1

E' difícil jogar-se pior do que o *Beira-Mar* o fez no passado domingo.

E, diga-se, depois dos desafios com o *Lamas* e o *Lusitânia*, em que realizou partidas que satisfizeram os mais exigentes, tudo esperava que fizesse exibição agradável, que fôsse senhor absoluto dentro do rectângulo.

Não aconteceu assim! Os jogadores do club do bairro piscatório, em dia desafortunado, em que tudo saiu mal, com dois interiores absolutamente nulos—Maximiano por estar magoado e Serra em tarde perfeitamente desastrada—um defeza, Pedro, que já não pode cumprir e com um avançado centro marcadíssimo e pouco expedito, não realizaram, nos 90 minutos, jogada que merecesse 10 valores.

O *Vista Alegre*, embora sem grande técnica—o grupo joga mais em velocidade—conseguiu impôr-se e dominar, até, o seu adversário.

Poderia e merecia ter ganho, não o conseguindo pela indecisão dos seus avançados na conclusão das jogadas e pela boa actuação—a única—do defeza direito dos locais—Elias.

A'manhã, na Vista Alegre, não nos surpreenderia se os aveirenses conseguissem melhor resultado.

Embora fora de casa e tendo como adversário um *team* aguerrido e disposto, certamente, a fazer sentir a sua presença, o grupo local tem valor para, se não tiver tarde desastrosa, se jogar o normal e os seus jogadores encararem a partida como devem, trazer para a sua terra a vitória de que necessitam, sem terem de recorrer a um terceiro jôgo de desempate.

Basket-Ball

No último sábado deslocou-se a Coimbra o grupo representativo da Ala n.º 1 da Mocidade Portuguesa, campeão regional, que enfrentou iguais categorias daquela cidade e de Leiria, ganhando, respectivamente, por 39-16 e 47-34.

Os aveirenses, que passaram a ostentar o título de campeões da Beira-Litoral, alinharam e marcaram: contra Coimbra, Matos (22), Porfírio (3), A. Maria (8), Barreto e Gamelas (6); e contra Leiria, Matos (29), Porfírio e A. Maria (7), Barreto (6), Gamelas (5) e V. Ferreira.

Todos os jogadores fazem parte da equipa de honra do *Club dos Galitos*, sendo obtido previamente autorizados, pelos seus directores, a alinharem nestes encontros.

A.

Correspondências

Samel, 24

Ao iniciar as minhas correspondências para *O Democrata*, desta pequena aldeia bairradina saúdo a sua Redacção, fazendo sinceros votos pelas prosperidades do jornal.

—Deslocou-se ontem a Antes (Mealhada) o nosso grupo de *foot-ball*, que ali teve um encontro com o *team* da terra, perdendo por 4-0. Assistimos ao desafio e constatámos que a pouca sorte impediu que os nossos rapazes marcassem, pelo menos, duas bolas.

O campo—verdadeiro areal—contribuiu para êste desaire.

—Tivemos o prazer de cumprimentar na sua residência de Vilarinho o sr. padre Manuel Rodrigues de Almeida, pároco da freguesia.

—A falta de chuva tem prejudicado imenso os batatais.

C.

Esgueira, 26

Na sua deslocação a Ovar os grupos de *basket* da nossa Casa do Povo ganharam em primeiras categorias por 25-24 e perderam em reservas por 24-25.

Os desportistas esgueirenses vieram sensibilizados pela forma cativante como foram recebidos e tratados durante a sua permanência naquela vila.

—Ficou adiada para o dia 6 de Junho a ceia de confraternização dos *folhetas*.

E' para crear mais apetite.

—Foi, na segunda-feira, atropelado por um ciclista, um filhinho do nosso amigo Alvaro de Sousa, que sofreu fractura duma perna.

Desejamos-lhe completo restabelecimento.

C.

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Domingo, 30 (às 15,30 e 21,30 h.)

Parada de Maravilha

e concerto pela *Orquestra Grétys*

Terça-feira, 1 de Junho (às 21,30 h.)

Tudo isto e o céu também

com Charles BOYER e Bette DAVIS

Quinta-feira, 3 (às 21,30 h.)

Uma aventura em Hong-Kong

Com Clarke Gable e Rosalind Russel

BREVEMENTE:

A Quimera do Oiro

Comarca de Aveiro

Anúncio

Por sentença de 14 de Maio corrente, que transitou em julgado, foi declarado o divórcio definitivo entre os conjuges Américo de Carvalho Picado, alfaiate, e sua mulher Rita da Costa, ambos de Aveiro, na acção de divórcio que aquêle moveu contra esta.

Aveiro, 25 de Maio de 1943.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara

António Gurgo

O Chefe da 1.ª Secção

Julio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

Divórcio

Por sentença de 14 de Abril de 1943, que transitou em julgado, foi decretado o divórcio definitivo entre os conjuges Luiz Moreira dos Santos, empregado público aposentado, e sua mulher Maria Luiza Duarte Limas, doméstica, ambos de Esgueira.

Aveiro, 29 de Abril de 1943.

Verifiquei.

O Juiz de Direito substituto,

Fernando Moreira

O Chefe da 2.ª Secção da 1.ª Vara,

Joaquim V. Duarte das Neves